



## **O DESENVOLVIMENTO DA OBRA LITERÁRIA “MATILDA E O CLUBE DE LEITURA” COMO INSTRUMENTO DE AUTOCONHECIMENTO COM VISTAS À ESCRITA PROFISSIONAL: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.<sup>1</sup>**

THE DEVELOPMENT OF THE LITERARY WORK “MATILDA AND THE READING CLUB” AS A INSTRUMENT OF SELF-KNOWLEDGE WITH A VIEW TO PROFESSIONAL WRITING: AN AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVE.

*Roberta Marques da Rocha Trevisan<sup>2</sup>*

*Claudiane Weber<sup>3</sup>*

### **Resumo:**

O presente trabalho teve dois escopos. O primeiro foi o desenvolvimento de um livro destinado a crianças com idades entre 09 e 14 anos, e o resultado obtido foi um livro impresso ilustrado, de 144 páginas, que procura incentivar a cultura para as crianças, estimulando-as a fazer da leitura uma fonte superior de lazer. O segundo foi a narrativa autobiográfica do resultado dessa experiência em forma de artigo científico, demonstrando de que forma o estudo da Ontopsicologia, que foi aprofundado durante o curso de Especialização, foi determinante para a retomada de um projeto pessoal da autora, que é Delegada de Polícia e almeja a escrita ficcional profissional, buscando a compreensão do seu próprio processo criativo e o refinamento da sua sensibilidade estética.

**Palavras-chave:** Autoconhecimento. Processo Criativo. Ontopsicologia. Literatura infanto-juvenil. Humanismo.

### **Abstract:**

The present work had two scopes. The first was the development of a book for children aged between 9 and 14 years, and the result was an illustrated printed book, with 144 pages, which seeks to encourage culture for children, encouraging them to make reading a top source of leisure. The second was the autobiographical narrative of the result of this experience in the form of a scientific article, demonstrating how the study of Ontopsychology, which was deepened during the Specialization course, was decisive for the resumption of a personal project of the author, who is a Delegate of Polices and aims professional fiction writing, seeking to understand her own creative process and the refinement of her aesthetic sensibility.

**Keywords:** Self knowledge. Creative process. Ontopsychology. Children's Literature. Humanism.

---

<sup>1</sup>Trabalho De Conclusão de Curso Para obtenção de Título de especialista em Ontopsicologia.

<sup>2</sup>Delegada de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul. Especialista em Direito Constitucional pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) em parceria com o Instituto Brasileiro de Direito Público (IDP) e a Rede de Ensino Luiz Flávio Gomes. Especialista lato sensu pelo MBA *Business Intuition* Identidade Empresarial pela Antonio Meneghetti Faculdade.

<sup>3</sup>Professora e Doutora em Ciências (USP). Estuda e pesquisa o processo perceptivo-cognitivo nas imagens fotográficas. Possui Especialização em Ontopsicologia (AMF). E Especialização em Psicologia Social com endereço em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo - Rússia. Também é bibliotecária e fotógrafa.



## **1 PREFÁCIO**

*“(...) a rigor nunca e jamais importa o que nós temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós (...). Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora (...).” (FRANKL, Viktor, 2020, p. 101).*

A vida nos faz perguntas a cada minuto e ela sempre me questionou quando eu escreveria um livro. Minha resposta está no presente artigo, que, além de relatar a trajetória da escrita do livro “Matilda e o Clube de Leitura”, objetiva demonstrar de que forma compreendi meu próprio processo criativo e de refinamento de sensibilidade estética e como ele foi influenciado pelo estudo da ciência Ontopsicológica.

A justificativa para o estudo deste tema, além do processo de autoconhecimento, está no fato de que escrever para crianças é escrever para os adultos do futuro, uma vez que se está intervindo em um momento de vida do ser humano no qual os valores mais importantes ainda podem ser inseridos em seu dia a dia. Ademais, na idade das crianças destinatárias da história, ainda é possível criar o hábito da leitura de uma forma natural.

O desenvolvimento do livro foi uma verdadeira “escola de si mesmo”, já que a escrita nos faz confrontar nossas falhas, tanto em termos técnicos quanto pessoais. Além disso, ela proporciona um contato profundo com nossa interioridade e expõe no papel tanto nossos acertos quanto nossos erros, consubstanciando-se em uma fonte de autoconhecimento.

O delineamento do estudo insere-se na corrente das metodologias hermenêuticas de pesquisa. Trata-se de abordagem qualitativa e caracteriza-se como um estudo de narrativa autobiográfica, que fará a análise do meu processo de formação como escritora.

## **2 UMA BREVE INTRODUÇÃO AO MEU MUNDO DA ESCRITA**

Antes mesmo de me alfabetizar oficialmente, eu já brincava de escrever com outras crianças. Minha profissão durante as brincadeiras era a de escritora. Nesse sentido, Meneghetti (2019, p. 68), ao discorrer sobre o período de vida do ser humano dos quatro aos sete anos, ensina que “em cada criança há o potencial de reconhecer o lugar e a direção onde a vida é dom gratificante”.

Nas séries iniciais, meus textos ganharam destaque e eu participei de concursos literários na escola. Eu gostava muito de estar na biblioteca e com frequência levava livros



para casa. O fato de estar sozinha com um livro e de mergulhar em um mundo inteiro sempre me trouxe a sensação poderosa de estar em outro lugar. Quando fiz 12 anos, fui apresentada a Agatha Christie e imediatamente tragada por toda a sua atmosfera e, em razão disso, me associei a uma locadora de livros, que frequentava assiduamente.

O mundo dos mistérios e as histórias de detetive se tornaram parte da minha vida e eu continuei a criar histórias. Cresci, sempre acompanhada pelas leituras detetivescas, e seguia sonhando em ser escritora. Contudo, com o passar do tempo, parei de escrever.

Formada em Direito, tornei-me Delegada de Polícia. Dos livros para a vida, as histórias policiais perderam o romance. Deixei de criar, mas nunca deixei de me sentir incompleta por isso.

### **3 A BUSCA PELA ONTOPSICOLOGIA**

A sensação de incompletude aumentava cada vez mais. Eu sentia a vida passando e meus planos de realização pessoal deixando de acontecer. Sempre fui atraída pelo Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, e nutria muita curiosidade pela ciência Ontopsicológica, até que em 2017 eu me inscrevi no curso de MBA *Business Intuition* Identidade Empresarial.

O primeiro dia de aula ainda é nítido na minha memória. Lembro-me de ter saído de Santa Maria, cidade onde resido, na sexta-feira, chorando no carro, para a primeira aula. Aquele seria o primeiro fim de semana longe do meu então único filho, de 1 ano e meio. Cheguei dirigindo sozinha e entrei em uma sala de aula cheia de pessoas estranhas. Em determinado momento, tivemos que nos apresentar para a turma, e eu descobri que era a única servidora pública naquele ambiente. Fui até a frente da sala e falei sobre mim, assim como todos fizeram, porém, eu quase me desculpava por estar ali e me questionava: como alguém de dentro do sistema<sup>4</sup> iniciava um curso que falava sobre estilo de vida, graça, estética, miricismo cotidiano?

Minha cabeça estava girando, mas a miríade de informações desconstruídas dentro de mim se perdeu em poucas horas, e logo eu já estava fazendo as primeiras amizades e entendendo o quanto meus colegas e eu éramos semelhantes. Compreendi que tínhamos a mesma sede: queríamos a verdade, a nossa verdade. Então eu me senti em casa.

---

<sup>4</sup> Exerço o cargo de Delegada de Polícia desde o ano de 2010.



O fim de semana transcorreu com aulas ao ar livre e intensas reflexões. Tivemos uma aula na beira do lago e me lembro de ter pensado ali mesmo que finalmente havia encontrado a chave para desbloquear minha escrita. A professora falou sobre observar a natureza - a direção dos pássaros -, sobre autorresponsabilização, liderança e campo semântico. No fim da aula, quando retornei para o quarto do hotel, escrevi algumas coisas. Foi a primeira visualização do projeto em ato.

Então, no domingo, ao fim do primeiro módulo, quando retornava para casa, eu fiz o trajeto novamente chorando. Dessa vez, maravilhada com o quanto se pode aprender em apenas dois dias. Eu me sentia expandida e chorava por ter percebido que a vida era muito maior do que eu sabia até então. Entendi que minha visão estava embaçada e que era o momento de trocar os óculos.

Eu havia descoberto que só existia um lugar para procurar a resposta àquela pergunta que a vida me fazia, e este lugar era dentro de mim. Compreendi que isso não consistia apenas em uma forma de ver o mundo, mas tratava-se de uma ciência, e que este lugar interno tinha nome: Em Si ôntico, e entendi que “quanto mais nós procuramos a verdade fora de nós mesmos, mais a perdemos” (MENEGHETTI, 2011b, p.20).

Para ilustrar a forma como vivi aquele momento histórico - o primeiro impacto com a Ontopsicologia -, trago um ensinamento de Antonio Meneghetti:

Podemos sintetizar o encontro com a Ontopsicologia em três aspectos-base processuais:

- 1) Em um primeiro momento existe a *crise*, porque o conhecimento ontopsicológico faz compreender que a racionalidade é boa, porém – por mais que a pessoa se esforce – falta o ponto de partida, o ponto de ligação à radicalidade do existir. O primeiro sinal que a Ontopsicologia dá é: “Atenção, dentro de você existe uma parte onde você é apenas você, onde a vida faz contato e só você é importante, porém deve encontrá-la”. É o Em Si do homem, o ponto onde a vida medeia cada indivíduo de modo irrepetível, dirige o Eu Sou e causa a personalidade, mas é necessário tê-lo em mãos. (MENEGHETTI, 2011b, p. 11-12)

#### **4 DESCOBRINDO A ONTOPSICOLOGIA**

A ciência ontopsicológica é uma técnica de verificação da consciência, e ainda de pesquisa e de operação ao escopo do *humanitas*, porque este planeta é maravilhoso, e nós somos os responsáveis por ele; fomos colocados aqui para fazer algo a mais, algo de belo, e isso é um fascínio que faz intencionalidade psíquica no indivíduo e na sociedade. (MENEGHETTI, 2014, p. 150-151)



Ao longo das aulas, fui conhecendo a forma mais elementar da ciência ontopsicológica. Cada módulo era de um intenso aprendizado para mim. Meu segundo filho nasceu durante o curso. Enfrentei momentos difíceis na vida pessoal no ano de 2018, e foi então que entendi que não bastava apenas assistir às aulas: eu precisava estudar os livros de Antonio Meneghetti com profundidade. Na metade daquele ano, a minha vida mudou de fato e eu comecei a compreender a Ontopsicologia.

Com muitos compromissos, tanto no meu trabalho na Polícia Civil quanto com os filhos pequenos, eu tinha pouco tempo para ler e escrever. Muitas vezes, lia a obra de Meneghetti por meio de fotografias das páginas dos seus livros na tela do telefone celular, durante a amamentação de madrugada, pois era o único horário de que dispunha. Tudo isso foi me tornando mais forte; eu me sentia mais capaz: quanto mais eu fazia, mais eu conseguia fazer.

Contudo, a escrita ainda estava bloqueada e a pergunta continuava pulsando: *e o livro?* Cada vez mais eu sentia que precisava começar. Eu possuía alguns rascunhos de uma história policial, mas não queria mais saber daquilo; eu queria novidade.

Já estava prestes a concluir o curso de MBA e continuava repetindo o discurso de que havia buscado a Ontopsicologia para chegar à minha essência e voltar a escrever. Adquirimos, meu marido e eu, um apartamento no Recanto Maestro e quando entrei no imóvel, ainda em construção, pela primeira vez, eu disse: “aqui vou escrever meu livro”. Entretanto, até julho de 2019, eu não havia feito nada para concretizar meu objetivo.

Eu já havia tido contato com alguns instrumentos de intervenção da Ontopsicologia, e a escrita havia aparecido diversas vezes. Naquele mês eu realizei uma consultoria de autenticação que me consentiu uma importante tomada de consciência, que me fez dar os primeiros passos na direção deste projeto. Antonio Meneghetti, acerca da busca pelo técnico ontopsicólogo, ensina:

Fala-se sempre de “Em Si ôntico”, mas na prática onde o colocamos, como se faz? (...) Porque ir ao técnico ontopsicólogo já é uma solução: em geral uma pessoa vai ao advogado, ao médico, ao contador, ao político, ao amigo e não ao técnico que o imposta objetivamente para exercitar a atividade de juízo (...)(MENEGETTI, 2017, p.158)

Abaixo transcrevo parte do diálogo com a ontopsicóloga, que foi gravado na referida entrevista:



**“Ontopsicóloga:** - Pense no universo mandar (...) **intencionalidade psíquica: o que eu posso fazer, que outra coisa eu posso fazer? Observe, fique atenta.** Você já entende que seu trabalho partiu de uma escolha complexual, foi uma experiência dura, mas ele tem feito forte, inteligente. Mas hoje você pode experimentar outra vida. **Nós não imaginamos o quanto a vida nos ama. Aprenda a ser honesta consigo mesma, seja coerente, não tenha medo e se pergunte: o que eu devo fazer? A vida ajuda!** Recomece a escrever. O que você escreve?

**Cliente:** - Romance Policial. Eu sempre gostei de Agatha Christie e achei que tinha entrado na polícia para ganhar experiência e depois escrever.

**Ontopsicóloga:** - Bem, isso vai servir para vender também, porque agrada as pessoas. Mas alguém como você tem que escrever outras coisas, mais humanistas. Agatha Christie agrada muito em Razão do complexo das pessoas.

(...)

**Cliente:** - Eu *virei* uma detetive.

**Ontopsicóloga:** - Bem, isto você pode fazer de modo consciente: escreve isso porque venderá, assim como muitos fazem filmes para as massas apenas pelo dinheiro, e depois investe esse dinheiro no que quiser e realiza teu projeto.”

## **5 O NASCIMENTO DO PROJETO DO LIVRO “MATILDA E O CLUBE DE LEITURA”: DA INTUIÇÃO À CONSCIENTIZAÇÃO DO MEU PROCESSO CRIATIVO**

Saí da consultoria bastante tocada e atenta a tudo, refletindo sobre intencionalidade<sup>5</sup> psíquica. Conforme o Dicionário de Ontopsicologia, intencionalidade é “o vetor, ou direção, ou forma no interior da ação; é como a ação se interioriza em um estado e o transforma. É uma novidade que entra e formaliza um quântico para um escopo específico”. (MENEGETTI, 2012, p.141).

Três dias após a entrevista, eu estava em uma sala com muitas pessoas, em meio a um intenso falatório, quando entrou no local uma menina de cerca de 9 anos com um livro aberto no peito. Quando a vi, tudo ficou em silêncio.

Quase não dava pra ler o título, pois ela se agarrava ao livro como outra criança qualquer se agarraria a um *smartphone*, mas eu me esforcei e consegui: “A Garota Detetive”. Ri comigo mesma, afinal, além de ter passado a vida lendo histórias policiais, eu havia me tornado uma garota detetive. Eu, inclusive, havia dito isso à Ontopsicóloga, três dias antes, *in verbis*: “Eu *virei* uma detetive”.

---

<sup>5</sup> “Também a matéria sofre e existe pela realidade da forma que tem intrínseca, aquela forma que a seguir configura o módulo de frequência, o módulo de mover-se, de coligar-se, de atração, reação, evasão, e tudo isso é determinado pela informação posta, que depois constitui o mover-se, a motivação, ou melhor, a *intencionalidade*: por que, onde, a que escopo? A *intencionalidade* é como a informação faz vetorialidade.” (MENEGETTI, 2015, p. 43).



Voltei no tempo em que eu era aquela menina e aquele livro era meu. Então entendi: é para lá que devo ir, para a infância, para o começo, para a descoberta. Dessa vez, do lado de dentro das palavras. Chamei a menina e pedi para ver o livro. Assim como eu, ela também pegava livros na biblioteca da escola e aquele era um deles.

Entendi logo depois que havia tido uma intuição. A Ontopsicologia traz o conceito científico de intuição: “saber o íntimo da ação. Ver o fazer. Saber antes dos efeitos. (...) Posição de ótima funcionalidade por parte do Em Si ôntico em relação a um projeto ou evento”. (MENEGHETTI, 2012, p. 144).

Nesse sentido, Antonio Meneghetti elucidada, ainda, que:

Do coração do inconsciente, onde inicia a estrutura e projetualidade do genoma humano, emana a informação do Em Si ôntico: ela é *imediate, total, formal*. Ela dá a informação direta para a própria vantagem enquanto é contemporânea aos resultados e se forma pela intrínseca relação entre indivíduo e situação, por isso, dá as coordenadas proporcionais entre os pontos-força do contexto e o sujeito: é automatismo ôntico existencial. Assinala a direção ótima e possível (...)” (MENEGHETTI, 2011a, p. 128).

Bernabei (2013b, p. 352), tratando do tema, refere que a intuição é “inata ao ser humano, possui-se e sabe-se na norma de natureza do Em Si ôntico. Mas a sua identificação foi perdida no processo educativo não conforme ao projeto de natureza”.

O fim da Ontopsicologia é justamente “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização” (MENEGHETTI, 2010, p. 134) e para que a consciência seja capaz de colher a pulsão ôntica momento a momento, é imprescindível que esta seja revista, que passe pelo processo de autenticação<sup>6</sup> para que se reporte novamente à lógica da natureza. Ainda nas palavras de Bernabei (2013b, p. 349) “primeiro autenticamos o homem, depois o seu agir segundo a intuição é consequência direta dessa autenticação”.

Acerca do tema, transcrevo o seguinte trecho:

Para realizar a intuição é necessária a decisibilidade do Eu lógico concernente ao passado. É claro que se antes não se possui o Eu-lógico histórico ou consciência transparente, a intuição permanece uma hipótese, porque do inconsciente, enquanto tal, emanam diversos sinais emocionais que não têm nada a ver com a intuição. Na presença da intuição não existem pulsões, mas apenas uma leveza emocional, como na experiência da evidência” (MENEGHETTI, 2011a, p. 128).

---

<sup>6</sup> Conforme Dicionário de Ontopsicologia: “eu me ponho igual à ação que sou. (...) Conformar o Eu lógico-histórico à intencionalidade do Em Si ôntico” (MENEGHETTI, 2012, p. 29).



Naquela noite, Matilda nasceu: eu comecei a escrever a história de uma menina de 11 anos que era líder de um clube de leitura. Os primeiros elementos que surgiram na minha mente foram o nome da personagem e o título da história. Depois disso, eu a descrevi acordando de uma noite cheia de sonhos e deixei fluir.

Eu nunca havia cogitado escrever para crianças e adolescentes até aquele momento. Fui desenvolvendo o texto e comecei a gostar da história. Logo iniciei pesquisas sobre livros escritos para pessoas daquela faixa etária na qual estariam inseridos os meus leitores. O que mais me motivava era ter visto que é possível uma criança, na “era digital”<sup>7</sup>, gostar tanto de um livro de papel, e que ele tinha sido o escolhido para acompanhá-la naquele dia em que ela esperava a mãe em um compromisso.

Julho de 2019 foi também a época da escolha do tema para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - do já referido MBA, e eu convidei para ser minha orientadora a mesma professora que nos levou para o lago no primeiro módulo do curso, pouco mais de dois anos antes. Marcamos uma reunião para eu mostrar o tema que havia selecionado e decidir como seria elaborado o trabalho. Eis o tema: “Campo Semântico e Investigação Policial”. Contudo, enquanto conversamos, o assunto tomou um rumo diferente: minha escrita.

O fato de a professora ser psicóloga certamente contribuiu para que eu falasse sobre mim. Eu contei que estava escrevendo um livro infanto-juvenil e que realizava um curso de escrita criativa pela primeira vez na vida. Ela me perguntou por que eu estava planejando um TCC sobre meu trabalho na polícia se o meu projeto era escrever um livro para crianças e adolescentes, que, inclusive, já estava em andamento. Não tive resposta, e sabia que era apenas medo.

Ela, então, me mostrou que era possível transformar meu projeto de livro em um TCC e foi o que fizemos. Eu me dei conta de que estava trabalhando no que queria e que, se falasse sobre investigação policial e deixasse de lado o meu livro, estaria realizando um

---

<sup>7</sup> Cumpre referir que a leitura realizada por meio de telas não tem a mesma qualidade para o leitor em termos de absorção de conteúdo, conforme relatado em artigo científico publicado no *International Journal of Educational Research*, *in verbis*:

“Os resultados deste estudo indicam que a leitura de textos narrativos lineares e expositivos em uma tela de computador leva a uma compreensão de leitura pior do que ler os mesmos textos em papel. Esses resultados têm várias implicações pedagógicas (...)” (BRØNNICK, Kolbjørn; MANGEN, Anne; WALGERMO, Bente, 2013, p.67).

Ademais, o contato com o livro físico, com o papel em si (um material de origem vegetal: biológica, portanto), além de ser muito mais prazeroso do que a relação fria com a tela de um celular ou de um computador, afasta o leitor das distrações oriundas do mundo digital, fomentando o processo de imersão que é imprescindível para que ocorra uma leitura atenta e profunda.





projeto de pesquisa voltado para o sistema e afastado da minha essência. Escolhi bem a orientadora, afinal. Na verdade, essa escolha eu já havia feito desde aquele primeiro módulo à beira do lago.

O livro pode ser uma ferramenta de auxílio na formação humanista e foi com essa ideia que desenvolvi meu texto. Matilda e seus amigos são apaixonados por livros e, ao longo da história, cito diversas obras literárias, no intuito de promover curiosidade no leitor, não só para ler aqueles e outros livros, mas para criar um clube de leitura como forma de utilização do tempo livre.

A importância da gestão do tempo livre dos jovens é explicitada por Meneghetti:

A atmosfera, a ocasião, a situação que começa o início de uma perda ou de uma desorientação de si mesmo acontece diversas vezes, mas em particular durante o tempo livre ou quando um sujeito é constrangido a uma forma de solidão. Quantas vezes nos encontramos a ter que nos dar conta da própria vida, isto é, de si mesmos, e vem a vontade de distrair-se porque um não sabe como empenhar a si mesmo. Quando se está na ação, fazendo as coisas ou por dever, ou por necessidade, ou por contrato, ou por prazer, tudo parece ir bem. Mas quando acontece de ter o tempo “nu” e “cru” e não se sabe quando ou onde investi-lo, se procura um ponto onde distrair-se e evadir de si mesmo.(...)

Observando a vida de muitos jovens, nota-se uma constante fuga de si mesmos e pouco a pouco as circunstâncias, a sociedade, a vida os consomem.  
(MENEGETTI, 2017, p. 101 - 102).

A importância da literatura na vida das crianças encontra-se fundamentada nas palavras do professor Antonio Meneghetti: “Nesse período, a criança ama as histórias (...) porque são o espaço natural do seu potencial infinito, a compensação da pobreza de ação, a programação da futura ação quando for grande” (2019, p. 68).

No mesmo sentido, Prose (2006, p. 18) refere que

as crianças gostam da imaginação, com suas possibilidades caleidoscópicas e seu protesto contra a maneira como estamos sempre a lhes dizer o que é verdadeiro e o que é falso, o que é real e o que é ilusão. Talvez meu gosto pela leitura tivesse algo a ver com as limitações que descobria a cada dia: as paredes do tempo e do espaço, da ciência e da probabilidade, para não falar de todas as mensagens que captava da cultura.

Eu desenvolvi a história do livro até a metade e apresentei o projeto para a banca avaliadora ainda em 2019, no dia 30 de novembro. Na época eu trabalhava como titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente de Santa Maria e, assistindo àquelas mazelas, me senti ainda mais motivada a fornecer uma alternativa para preencher o tempo livre de crianças e adolescentes de uma forma lúdica. Fiz o protótipo do livro e a ideia



inicial era lançar uma série, e não apenas uma história. Abaixo as imagens dos projetos de capa e contracapa apresentados:



Figuras 1 e 2<sup>8</sup>

Em seguida, escrevi alguns contos e entendi definitivamente como minha mente funciona enquanto cria. O que eu acreditava ser um problema, era, na verdade, apenas o meu modo de produzir um texto de ficção: eu crio enquanto escrevo, e apenas assim. Não sei como vai terminar o parágrafo que começo, e não há problema nenhum nisso. A história se forma durante a minha ação, a minha escrita, e nunca antes dela. Quando entendi e aceitei isso, consegui finalmente desbloquear o processo. Aprendi também que tão importante quanto a escrita é a reescrita, e este tema será abordado mais adiante.

Acerca da criatividade, a Ontopsicologia ensina que

“Criar” significa “dar início a uma corrida”, “dar princípio a um evento”, “dar o princípio à causa”. A causa depois produz o processo dos efeitos. Querendo entrar em um âmbito mais descritivo, vulgarmente – em sentido populista, popularmente adequado a todos – o termo “criatividade” poderia ser definido como ‘qualquer elaboração que implique uma *novidade* de sentido, e para muitos também uma novidade fenomênica, de aparência, a qual, porém, tem um resultado agradável, estético’. (MENEGETTI, 2018, p. 72.)

Mesmo antes do fim do curso MBA *Business Intuition*, iniciei a Especialização em Ontopsicologia. Neste período, continuei escrevendo, e tive dois contos de ficção publicados nas seguintes obras:

---

<sup>8</sup> Capa confeccionada artesanalmente para a apresentação do TCC do MBA *Business Intuition*, em novembro de 2019 na Antonio Meneghetti Faculdade. Na ocasião, foi entregue um protótipo a cada membro da banca.



Figuras 3 e 4<sup>9</sup>

Em relação à história de Matilda, só retomei sua escrita em janeiro de 2021, ocasião em que concluí a primeira versão em poucos dias, e novamente deixei o texto em descanso.

## 6 A CONFECCÃO DO LIVRO

O texto ficou parado por mais seis meses, até que convidei minha orientadora, professora da disciplina de Pedagogia Ontopsicológica, para utilizar o desenvolvimento do livro como *case* para o presente trabalho de conclusão de curso. Ela aceitou e contactou uma colega, a qual atuou como mentora literária, e que possui graduação em Artes Visuais, além de Doutorado e Pós-Doutorado em Educação, e ambas fizeram uma leitura da minha história, fornecendo-me *feedbacks*. Foi então que o trabalho recomeçou.

Minha sensação ao reler o texto após seis meses sem contato com ele foi uma parte fundamental do aprendizado sobre o mundo da escrita. Era como se aquilo tudo tivesse sido escrito por outra pessoa. Com as pontuações da orientadora e da mentora, foi possível vislumbrar diversas lacunas na história que, para mim, já estava pronta. Ali eu de fato entendi o que tanto já tinha ouvido falar: a reescrita é tão importante quanto a escrita e é preciso se distanciar do texto uma vez que se termina a primeira versão.

Nesse ponto, trago uma passagem de uma obra de Stephen King, na qual ele relata seu processo de escrita, em uma nota específica sobre a reescrita de um original:

Se você nunca tiver feito isso antes, vai descobrir que ler seu livro depois de um intervalo de seis semanas é uma experiência estranha, às vezes arrebatadora. É seu, você reconhecerá como seu, talvez seja até capaz de lembrar qual música estava tocando quando escreveu certos trechos, e ainda assim vai parecer trabalho

---

<sup>9</sup> Antologia “Rupturas”, São Paulo. Dedalus: 2019. Conto publicado: “Subterrâneo” (esq.) e Prêmio Off Flip de Literatura 2021. Conto finalista: “A Delegacia” (dir.). Além destes, tive o conto “A espera” selecionado pelo Prêmio Off Flip de Literatura 2022, e sua publicação se dará no transcorrer deste ano de 2022.



de outra pessoa, talvez uma alma gêmea. É assim que deve ser, é por isso que você esperou. (KING, 2010, p. 181).

Teve início, então, a confecção do livro. Contratei uma profissional para realizar as ilustrações e também uma revisora/editora para o texto. Esta última, assim como eu, está dando os primeiros passos no mundo da arte e também é estudante de Ontopsicologia. O aprendizado foi intenso para todas as três, e eu compreendi que existe um mundo inteiro à disposição de quem quer publicar um livro: tipo de papel, de fonte, de ilustração etc.

Nesse ponto, cumpre referir que quanto mais eu me realizava, mais eu percebia crescimento nas duas colaboradoras que contratei. Antonio Meneghetti destaca que

(...) quando um líder realiza em conformidade com a inspiração do próprio Em Si ôntico, ele ganha mais, mas os outros também ganham: *a estratégia aparentemente egoísta do Em Si ôntico de um indivíduo traz vantagem ao ambiente em que este homem está posicionado.* (MENEGETTI, 2019, p.65)

## **7 O PROCESSO DE ESCOLHA DAS IMAGENS E O CRITÉRIO ORGANÍSMICO**

O processo da confecção das imagens ocorreu da seguinte forma: em um primeiro momento, a ilustradora leu toda a história e selecionou algumas passagens que achava interessantes para serem ilustradas, mas deixou tudo a meu critério. Trata-se de uma profissional bastante aberta e disponível. Algumas das passagens que ela escolheu eu pedi que fossem desenhadas e outras eu fui selecionando ao longo da revisão do livro.

A dinâmica era esta: eu escolhia uma cena e mandava o excerto específico do capítulo para a ilustradora, que mora em outro estado da federação. A comunicação ocorria por *Whatsapp*. Era um universo totalmente novo para mim e, uma vez que o traço da artista é belíssimo, eu achava qualquer ilustração passível de ser inserida no livro. Consultei minha orientadora, que é bibliotecária e doutora em ciências, com ênfase em análise ontopsicológica de imagens, e passei a atentar para as reações do meu corpo quando recebia os esboços. Meneghetti (2018b, p. 90) ensina que o corpo “é o objeto-base através do qual se formaliza a primeira ‘tomada de consciência’”.

Acerca do tema, Weber (2018, p. 90) destaca que imagem e emoção possuem uma íntima relação. Uma imagem é capaz de provocar emoções, pois as vivemos, as sofremos. E, nesse sentido, é fundamental destacar a importância do corpo humano, porque esses modos de sentir, ou seja, a emoção associada à imagem, manifesta-se no corpo. Também é no corpo que se dão as percepções.



No que tange à reação orgânica do humano, a Ontopsicologia mostra que

Em casa análise particular, se pode recuperar a informação proprioceptiva<sup>10</sup>. É como a própria percepção identidade do indivíduo lê o mundo para si mesmo. Isso é o critério máximo: *é como a sua vida lê a vida*. A nossa vida, antes de ser nossa, é sempre uma projeção da vida total (...). Precisa ser fiel, coerente ao Em Si ôntico, que se fenomeniza entre os tantos modos também nesta informação proprioceptiva, que fenomenicamente se define *percepção viscerotônica*, isto é, como reage a ênfase da emoção visceral (MENEGHETTI, 2017, p. 162).

Pude sentir o refinamento da minha própria sensibilidade e mudei a forma de encomenda de cada ilustração: além de enviar a parte específica da história que eu queria ver ilustrada, eu gravava um áudio pelo aplicativo, e nele eu transmitia toda a emoção que queria ver naquela cena: desde as cores até o sentimento do personagem. A diferença foi visível: o que já era belo ganhou um impacto diferente, e eu fui entendendo o que minha orientadora havia me explicado e o que estudava nos livros de Ontopsicologia: consegui identificar a sensação de abertura, de expansão ou de frio, de fechamento, ao analisar cada imagem.

Meneghetti (2017, p. 163) explica que quando a informação que recebemos é “positiva para nosso critério existencial, há recepção, há uma forma de alargamento, de tranquilidade, maciez, às vezes leve calor, um calor doce ou alguma coisa que faz sentir leve, que aumenta dentro de modo benéfico, saudável, bom”. Aos poucos, fui conscientizando as minhas reações e decidindo os passos seguintes baseada nelas.

O resultado da mudança na dinâmica da encomenda das imagens é perceptível quando se compararam algumas ilustrações ao longo do livro “Matilda e o Clube de Leitura”. Nos momentos em que a troca com a ilustradora foi mais efetiva e mais ativa da

---

<sup>10</sup> Acerca do tema, a Ontopsicologia explica que “os níveis de percepção elementar são três: exteroceptivo, proprioceptivo e egoceptivo.

- 1) A *percepção exteroceptiva* compreende qualquer variação excitante interna e externa ao organismo; diz respeito a todas as formas de sensibilidade cutânea (tátil, térmica, dolorosa), orgânica (visão, audição, olfato, paladar) e visceral ou neurovegetativa (todas as variações das funções vitais, viscerotônicas, neuromusculares que se referem aos sistemas nervosos cérebro-espinhais e neurovegetativos, e o sistema parassimpático preposto à reconstituição celular). Refere-se a qualquer estimulação externa ou interna na primeira fase de contato e enquanto ainda permanece setorial.
- 2) A *percepção proprioceptiva* é qualquer estimulação sensorial que se torna informática única para o organismo. (...) A percepção exteroceptiva é ainda setorial, enquanto a percepção proprioceptiva coenvolve o organismo total, por isso cada setor do organismo é informado. (...)
- 3) O *conhecimento egoceptivo* é a percepção egoica, ou o quando selecionado dos níveis precedentes e referido ao Eu consciente voluntário e operativo. O quanto, o como e o qual da informação total alcança o Eu, conseqüentemente, o Eu é coenvolvido irrevogavelmente a uma responsabilidade. (...)” MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010. p. 175-176.



minha parte, as ilustrações resultaram mais alegres, mais vitais. Ela é uma artista bastante sensível e bastou eu me impostar a cada momento para isso repercutir no seu trabalho.

Abaixo trago duas ilustrações para demonstrar o que referi:



Figuras 5 e 6

Quando recebi a imagem do trem (figura 5), que a artista fez de uma forma mais livre, com poucas intervenções minhas, ainda no início do processo, percebi uma certa tristeza, um fechamento. Já a imagem do menino lendo um diário (figura 6), em relação à qual eu havia gravado um áudio explicando exatamente o que queria, me trouxe alegria e expansão.

Da mesma forma ocorreu com a capa do livro. Abaixo trago as duas versões:



Figura 7



Figura 8

A figura 7 foi a primeira capa eleita para o livro, tendo sido o segundo desenho apresentado pela ilustradora – o anterior eu não havia aprovado. Contudo, a capa me



incomodava e, no último momento possível<sup>11</sup>, pedi que ela refizesse a ilustração. Era importante que a cena fosse a menina abrindo o livro com o facho de luz, mas não havia a vitalidade e a beleza que eu sabia que a artista era capaz de reproduzir. Gravei um áudio relatando o que estava sentindo e consegui tocá-la. Ela começou a fazer o trabalho imediatamente (era um sábado à tarde), e nos minutos seguintes já me mandava esboços. Ao fim, quando eu aprovei a capa (figura 8), naquele mesmo sábado à noite, ela disse que havia ficado feliz com a oportunidade de refazer a ilustração e não aceitou pagamento pelo novo trabalho.

Nesse ponto, trago um excerto do projeto apresentado ao TCC MBA *Business Intuition*, que mostra as ideias que eu tinha para a concepção do livro, as quais acabaram, de fato, ocorrendo:

O aspecto visual é de suma importância, uma vez que as imagens são o grande atrativo para estabelecer o interesse do público-alvo da obra. O livro terá capa colorida, expondo a personagem de uma forma que desperte a curiosidade do leitor. O tamanho da fonte<sup>12</sup> tem o objetivo de tornar a leitura mais fluida e de dar a sensação de que se “leu bastante” a cada passagem, estimulando a criança a acreditar no seu potencial e a se enxergar realmente como uma leitora, como alguém capaz de “enfrentar” um livro.

No interior do livro haverá poucas gravuras<sup>13</sup>, dando-se a sensação de que a história está acontecendo, mas sem de qualquer forma cercear a imaginação do leitor. A curiosidade precisa ser estimulada e é necessário espaço para a imaginação. Por isso estão sendo confeccionadas ilustrações<sup>14</sup> a serem inseridas em momentos específicos, apenas com o intuito de tornar a obra mais palatável esteticamente. A ideia é que ao folhear o livro nas livrarias, a criança sinta vontade de levar aquela história para casa, e ela tem que ser bonita antes mesmo de ser contada. (TREVISAN, 2019, p. 10)

O resultado do meu estudo e da aplicação prática da percepção viscerotônica foi utilizado na obra ficcional. A personagem Matilda, na última parte da história, após algumas das experiências que teve ao longo da trama, percebe as reações de seu organismo diante dos acontecimentos e isso repercute em algumas decisões que toma. Ela entende que o corpo precisa ser “ouvido”, e que ele lhe dará as respostas.

---

<sup>11</sup> Na ocasião, eu já havia enviado os arquivos para a gráfica e já possuía o “boneco” do livro impresso, que é um protótipo a ser aprovado antes da impressão dos exemplares.

<sup>12</sup> No trecho anterior do trabalho, eu havia explicado que a fonte utilizada no texto teria que ser grande e com espaçamento adequado.

<sup>13</sup> Este fato também se concretizou. O livro tem 144 páginas e apenas 11 ilustrações.

<sup>14</sup> As ilustrações aqui referidas estavam sendo de forma artesanal e não foram aquelas utilizadas no livro final.



## 8 CONCLUSÃO

O estudo da ciência ontopsicológica foi determinante para que eu escrevesse meu primeiro livro, fato este que ocorreu em meio a um grande crescimento pessoal. Durante o meu processo de formação, que me gerou uma significativa mudança de mentalidade e que segue em curso, pude aprender na prática o escopo da Pedagogia Ontopsicológica, que consiste em “educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras.” (MENEGETTI, 2010, p. 409).

Foi, de fato, um projeto vencedor.

Uma das grandes dificuldades foi lidar os estereótipos<sup>15</sup> de Delegada de Polícia e de mãe atarefada. Foram necessários, além dos cursos, das leituras e do tempo destinado à escrita, esforços no sentido de me permitir viver isso tudo e aceitar que escrever não é um *hobby*, um mero passatempo, mas que exige disciplina e que isso é conciliável com a vida “Delegada de Polícia mãe de filhos pequenos”.

Ao fim de tudo, pude utilizar o próprio cargo na Polícia Civil como forma de dar visibilidade ao livro, em entrevistas que concedi. Foi possível falar sobre humanismo, ainda que representando o sistema, e nesse ponto trago mais um ensinamento de Meneghetti, que refere que “não se deve tornar-se mecânica do sistema; pode-se usar todos os estereótipos, com bom senso, sem litigar, fazendo o ‘jogo de cintura’ e permanecer íntegros na própria subjetividade em fidelidade ao próprio Em Si ôntico. *É uma constante revolução interior, não é uma revolução externa.*” E mais adiante, arremata: “É preciso compreender e saber usar os estereótipos melhor que os outros, em todas as coisas.” (MENEGETTI, 2019 c, p. 120-121).

Sem o estudo da Ontopsicologia, eu não teria buscado minha fonte de criatividade e dado abertura ao meu projeto de natureza. Desde o primeiro módulo do curso MBA, quando eu era “a única servidora pública” daquele ambiente, e mais, exercendo um cargo totalmente estigmatizado, eu comecei a me ver de outra forma e a buscar tudo o que estava encoberto pela doxa social. E o processo está apenas começando.

---

<sup>15</sup> Trago uma das definições de estereótipo, oriunda do dicionário de Ontopsicologia: “um comportamento típico aprovado e reconhecido, mas indemonstrado. Um comportamento caracterial apreendido do eterno”. (MENEGETTI, 2021, p. 99).





## 9 BIBLIOGRAFIA:

BRØNNICK, Kolbjørn; MANGEN, Anne; WALGERMO Bente R. Reading linear texts on paper versus computer screen: Effects on reading comprehension, *International Journal of Educational Research*, Volume 58, 2013, Pages 61-68, ISSN 0883-0355, <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2012.12.002>.

(<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883035512001127>). Acesso em: 2022-03-10.

FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido**. 50ª ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

KING, Stephen. **Sobre a Escrita**. 2017. Trad. Michel Teixeira. Rio de Janeiro, 5ª reimpressão, 2017.

BERNABEI, Pamela. **Intuição e Racionalidade** in MENEGHETI, Antonio. **Psicologia Empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013b.

MENEGHETI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETI, Antonio. **O Aprendiz Líder**. São Paulo: FOIL, 2011a.

MENEGHETI, Antonio. **Projeto Homem**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011b.

MENEGHETI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Os Jovens e a Ética Ôntica**. Ontopsicológica Editora Universitária: Recanto Maestro, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETI, Antonio. **Ontologia da Percepção**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Os Jovens e a Realidade Cotidiana**. Ontopsicológica Editora Universitária: Recanto Maestro, 2017.

MENEGHETI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Criatividade e Sensibilidade estética**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018a.

MENEGHETI, Antonio. **Manual de Melolística**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018b.



MENEGHETI, Antonio. **Em Busca da Alma**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019a.

MENEGHETI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019b.

MENEGHETI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Falando aos Jovens Volume II**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019c.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

TREVISAN, Roberta Marques da Rocha. **A Literatura Infantil como ferramenta de formação humanista: o desenvolvimento da obra literária “Matilda e o Clube de Leitura”**. Desenvolvimento de produto apresentado à Antonio Meneghetti Faculdade, MBA *Business Intuition* Identidade Empresarial, Especialização Lato Sensu, como requisito parcial à aprovação na disciplina de Métodos de Pesquisa Aplicados à Empresa. Recanto Maestro, 2019.

WEBER, Claudiane. **Imagens Fotográficas e Seus Usos: Aproximações da Ontopsicologia com a Ciência da Informação**. 2018. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.27.2018.tde-03102018-152849. Acesso em: 2022-01-26.